

MOMENTOS DA CRIAÇÃO MUSICAL CONTEMPORÂNEA

VICTOR TAMM

Ao lado do *Klavierstück XI* de Stockhausen, a *Troisième Sonate pour piano* (1957) de Pierre Boulez (1925) constitui-se na primeira manifestação da forma aberta dentro da produção vanguardista européia. Influências literárias exerceram um papel determinante na construção da estética bouleziana da forma aberta, sobretudo o poema *Un Coup de Dés* e o projeto inacabado do *Livre* de Stéphane Mallarmé.

A *Troisième Sonate* comporta teoricamente cinco movimentos, denominados *formants* pelo compositor, dos quais apenas o segundo, *Trope*, e o terceiro, *Constellation*, encontram-se editados em suas versões definitivas. A partitura de *Constellation* consiste de nove folhas individuais de grande formato, onde distribuem-se as seis seções formais: três seções de "pontos", impressas em verde, duas de "blocos", em vermelho, e uma sexta seção denominada "mélange", composta por três estruturas de "pontos" e três de "blocos", uma espécie de microcosmo da peça em sua totalidade. "Pontos" e "blocos" diferenciam-se nitidamente, tanto em termos da escrita quanto da percepção auditiva: "pontos" possuem uma feitura pontual, descontínua e transparente, ao passo que "blocos" apresentam-se densos, compactos e saturados de acontecimentos sonoros.

A forma aberta de *Constellation* implica na liberdade conferida ao intérprete de escolher o seu percurso, ou seja, o encadeamento das diversas estruturas presentes em cada seção é variável. A mobilidade do percurso formal é todavia limitada: Boulez determina que nenhuma estrutura pode ser omitida ou repetida; ademais, um complexo diagrama de flechas especifica as diversas possibilidades de encadeamento formal. Assim, apesar da obra não se esgotar em sua realização e permanecer no estado de uma potencialidade continuamente renovada, sua unidade e coesão são extraordinariamente mantidas a cada execução.

No que diz respeito à gramática composicional, *Constellation* reflete o

idioma serial do compositor, com um amplo uso da técnica da multiplicação de acordes, desenvolvida por Boulez para conferir uma harmonia funcional ao discurso sonoro. Graças a um sofisticado e complexo emprego das ressonâncias, a obra apresenta uma escrita pianística de extrema originalidade, estabelecendo um universo sonoro de sutil e requintada beleza.

Se, por um lado, a não-linearidade característica da linguagem serial aliada à equivalência e à intercambiabilidade das permutações obtidas nesse sistema levaram à busca pela forma aberta, por outro, a impossibilidade de uma precisão instrumental absoluta na execução das estruturas seriais desempenhou um papel determinante para o desenvolvimento da música eletrônica nos anos cinquenta.

Kontakte (1959-60) de Karlheinz Stockhausen (1928) existe em duas versões: uma em quatro canais para sons eletrônicos e outra onde partes instrumentais para piano e percussão dialogam com os sons da fita. *Kontakte* pertence a um período na obra do compositor onde os questionamentos e as descobertas teóricas se evidenciam de forma particularmente aguda e intensa. Assim, além de fazer referência às diversas possibilidades de "contatos" entre sons instrumentais e eletrônicos, o título diz também respeito à compreensão de alturas e durações como manifestações de um mesmo fenômeno sonoro dentro de uma escala logarítmica da percepção, noção discutida por Stockhausen em um de seus mais importantes artigos, *...wie die Zeit vergeht...*, publicado em 1956.

Kontakte representa também uma das primeiras manifestações do conceito stockhausiano de "forma-momento". Ao abandonar um movimento linear em direção a um clímax e ao focar o interesse musical em momentos individuais, independentes, auto-centrados e capazes de existir por si só, a "forma-momento" se concentra na eternidade do instante e abandona noções como as de início e fim, a obra começando